

# The Long Roots of Formalism in Brazil

LUIZ RENATO MARTINS  
*Londres, Brill, 2018. 324p.*

*Ana Paula Pacheco\**

Nos três ciclos brasileiros de modernização acelerada descritos por Luiz Renato Martins a partir do campo das artes visuais, o leitor tem diante de si um caminho cujas raízes práticas e conceituais seria interessante lembrar, ainda que brevemente.

O autor embasa a pesquisa sobre o desenvolvimento histórico-social das artes no conceito de Formação, tal qual ressignificado pelo sociólogo e crítico literário, Antonio Candido. Como se sabe, tal noção (descritiva e normativa) foi produzida no contexto das aspirações coletivas de construção nacional, segundo o ideal de uma sociedade integrada (àquela altura correspondente à aparência das sociedades europeias). Sua consistência foi se fazendo, entre os anos 1930-1950, num conjunto de ensaios de Sérgio B. de Holanda, Caio Prado Jr. e de modo atrelado a um projeto desenvolvimentista para os países chamados de “subdesenvolvidos” por Celso Furtado. No campo do pensamento, Formação significava uma seriação das análises dos problemas brasileiros, de suas especificidades dentro da ordem mundial, uma acumulação crítica que tinha em vista a Formação *do país*, segundo padrões civis de sociabilidade e de modos de desenvolvimento econômico. Apenas para os autores mais radicais dessa tradição, como Caio Prado Jr, isso queria dizer socialismo.

---

\* Professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. E-mail: anapaula-pacheco@usp.br

Candido trouxe a reflexão sobre a formação para um campo paralelo e combinado, o da história da literatura brasileira, que passava a ser vista em correlação com a exploração capitalista, a desigualdade material brutal, os padrões da sociabilidade patriarcal. Com a formação de um sistema literário e com a autoconsciência desse processo, constituiu-se um campo para se pensarem os problemas de um dos países mais injustos do mundo, cuja formação continuava a ser um horizonte incerto (“país errado e cultura viva”, na formulação de Paulo Arantes). Embora o projeto fosse aparentemente desprezioso, tratava-se de *testar a cultura a partir dos problemas efetivos da realidade brasileira*. Assim, com Antonio Candido, Formação tornou-se uma ideia reguladora para estudar a rota que ia dos inícios do romance brasileiro, como “instrumento de descoberta e interpretação”, passando por momentos de exotismo, mitificação e coleção de indícios da realidade local, até sua constituição, na obra de Machado de Assis, como *sistema*, no qual cada obra está referida a um conjunto de obras enraizadas no mesmo chão de problemas sociais.

Muitas décadas se passaram e, até onde sei, esse esquema *crítico* da cultura foi aproveitado por poucos fora do campo específico do pensamento brasileiro (Paulo Arantes) e da teoria da literatura (Roberto Schwarz). A averiguação do sentido da modernização arquitetônica brasileira por Otilia Arantes seria uma das exceções. *The Long Roots of Formalism in Brazil* supre em parte essa lacuna, com a vantagem de se posicionar historicamente num momento em que as derradeiras ilusões do projeto desenvolvimentista brasileiro – já transformadas em espectros desde seu *turning point* à direita, com a ditadura de 1964 – e qualquer horizonte de formação nacional saíram da pauta, sem deixar resto, mesmo na ideologia dominante. Assim, tornou-se mais clara a urgência de um horizonte de radicalidade anticapitalista, a qual não dispensa, para fins de imaginação crítica, nem a obra de Candido nem o estudo da formação como ideal e nó social objetivo. Martins adapta o esquema para pensar o processo de constituição e desmanche do sistema visual brasileiro. A vizinhança temporal entre formação e ruína do sistema das “artes plásticas” não causa, porém, espanto: consanguíneas do trabalho manual, elas foram determinadas no Brasil pelos mesmos nexos históricos, de exploração, expropriação e desigualdade que sempre sobredeterminaram o estatuto do trabalho no Brasil, e que o paradigma da formação do país prometia ultrapassar. Isto é, foi tão lenta a constituição de um sistema das artes visuais local que, ao se formar nos anos 1960, segundo o autor, o projeto de país “desenvolvido” e socialmente integrado já perdia o chão, incorporado que foi pela ditadura de 1964.

Alinhando-se ao melhor da tradição materialista do pensamento brasileiro de esquerda, Martins entenderá o conceito de “forma” *nos antípodas do formalismo*, que ele descreve historicamente e contra o qual se posiciona com fôlego político.

*The Long Roots* dá, assim, um importante passo para desmistificar o estatuto desse ramo hipervalorizado das artes no mercado de ações, *testando-o por práticas sociais efetivas*, que envolvem a produção, a circulação e o debate. Esse

é o pressuposto para poder assinalar, noutro passo, os momentos em que a arte funciona como antena crítica, capaz de penetrar na subjetividade “em escala de massa” e de dar notícia das relações entre forma e fundo na modernização desigual e combinada. Sob tais lentes, mesmo o traçado artístico pode trazer dimensões de conhecimento insuspeitadas: por exemplo, a transição da Abstração Geométrica dos anos 1950, do Neoconcretismo e da Arte Concreta à Nova Figuratividade (1965) e à Nova Objetividade Brasileira (1967) pode indicar, paradoxalmente, como apenas com o fim do projeto moderno brasileiro o sistema de artes visual afinal respirava *desatrelado* das ilusões de um rumo não violento para capitalismo (desfaziam-se o otimismo das geometrias claras e acessíveis, a transparência da participação artística e as ilusões relativas a um acesso direto às obras, correlatos da crença, àquela altura das ilusões brasileiras, num suposto “destino democrático” da industrialização).

O novo vetor sintético e realista ultrapassava, então, a função formativa no momento em que a ideia de integração social sem ruptura antissistêmica mostrava seus dentes. A solicitação de novos padrões formais, desatrelados daquela causalidade anterior, levava a uma abertura às bases populares da arte não oficial, à retomada da agressividade inspirada no *agit-prop* e à revitalização, noutros termos, da própria geometria abstrata. Assim o autor lê, num dos pontos altos do livro, a trajetória dos trabalhos de Antonio Dias e seu senso de “descolonização de linguagens”, confrontando expressão artística e fetichismo, de modo a criticar “a parafernália de fantasias ligadas à mercadoria, até então não reconhecidas como componentes efetivas da realidade “nacional”. Ao mesmo tempo, a apropriação crítica da *Pop Art* era operada de forma a construir uma reflexão nos termos do capitalismo internacional e ao jogo de forças do poder que promoveu o golpe militar. A crer no esquema do autor, a arte brasileira passava a empunhar um programa de descolonização da percepção, do pensamento, da cognição da realidade, o qual hoje não encontra correspondente.

Em sentido oposto, mas complementar para a apreensão do longo processo de emancipação que as formas conservadoras (das artes, mas não só delas) tratavam de *conter*, vale destacar as análises que Martins faz do desmanche do sistema de artes brasileiro. No trajeto que vai do “milagre econômico” durante a ditadura civil-militar (leia-se, *acirramento do abismo econômico* entre as classes sociais) à crescente financeirização neoliberal (e à reprimarização da produção brasileira), também o sistema das artes não subsistiria intacto. Pelo contrário, o formalismo retornava com carga máxima, agora abraçado à forma-mercadoria, ao culto do individualismo artístico, às aspirações de desterritorialização, correspondentes a um bilhete de entrada nas galerias internacionais. Não por falta de acumulação crítica, seriação das ideias e experimentação de novas formas visuais, mas sim porque a sereia do mercado cantou mais alto, fazendo do sistema de artes um sistema de colecionadores ricos, para quem basta, contra a irracionalidade instituída e a ignorância elevada a modelo, o clarão da arte na sala de estar.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**A grande virada de Lenin**

João Quartim de Moraes

**A moral em Marx**

Yvon Quiniou

**Althusser, o marxismo e o historicismo**

Maurício Vieira Martins

**Edição da *MEGA*: da política à filologia**

Gerald Hubmann

**Comentários: os *Grundrisse* e sua edição brasileira**

Claus Germer, Eleutério Prado e

Pedro Leão da Costa Neto

# 34